

Entrevista A20

I – Experiência no lar

Há quanto tempo trabalha no lar?

Outubro de 2004, 4 anos e 9 meses.

Qual é a sua função no lar?

Enfermeira.

Que tarefas desempenha no seu dia-a-dia?

Preparação de medicações e vigilância de doentes crónicos, diabéticos e hipertensos, execução de pensos e tratamento de feridas. Faço posicionamento e outra coisa que eu faço, que não é a minha função tanto como enfermeira, mas se calhar até é como ser humana e que se preocupa com eles, é conversar com eles estar com eles “Mas animada a estar com eles, se estavam a minha espera”. Para além de detectar calos, cortar unhas essas coisas.

Que dificuldades encontra no seu trabalho com os idosos no seu dia-a-dia?

Nenhumas. Não, acho que tão ultrapassáveis, para mim uma dificuldade é aquela coisa que não se resolve logo no dia ou logo ao outro dia. No entanto à uma coisa, que não é tanto por ai além, mas que pode dificultar um pouco a minha tarefa. A família que muitas vezes em vez de facilitar complica. E pronto e eles porque um dia ou outro, porque se lhes troca o comprimido, é porque era amarelo e agora passou a ser cor-de-rosa. Enfia-se lhes na cabeça que era amarelo e explicar por A+B, por A+B que passou a ser amarelo, por que o laboratório passou a ser de outro, é complicadíssimo. Mas de resto outras dificuldades não há. Se a gente disser para eles não se levantarem, é raro os que se levantam.

O que o surpreendeu de forma positiva quando começou a trabalhar com idosos?

Algo que me surpreendeu, é a necessidade que eles têm muito de atenção, mas não me surpreende nada por que esta área do idoso, para mim não é novidade.

O que o surpreendeu de forma negativa?

É um pouco, a responsabilidade de algo que não está a correr bem, ser sempre atribuída aos outros e explico: Relativamente à família “Por que a minha mãe é assim, Por que a meu pai é assim. Porque vocês é que não sei quantos...” e isso é que eu não estava à espera que houve-se, por parte dos envolvidos no processo, esta fuga de algo que lhes cabe a eles também. Do género: “Porque o pai ou mãe, estavam desorientados. E porque vocês não fizeram nada? Ou porque fizeram?”. Quando no fundo nós passamos a ser aqui uma família, eu digo-lhes tantas vezes, que eles se preocupem em estar cá, que a gente toma conta do resto. A outra dificuldade, que complica um bocado e que é assim um pouco mauzinho. E que todos nós sabemos, que o envelhecimento tem destas coisas, tem as suas limitações e as diminuições, que é a dificuldade na audição. Que a gente está a falar para eles e parece que estamos a berrar, mas não estamos a berrar estamos é a falar, para alguém nos ouvir. O outro é que ouve muito bem e acho que isso é um bocado assim, pejorativo, um bocado mauzinho.

Que qualidades são necessárias para se trabalhar com idosos? Porquê?

São tantas. Sensível, honesto, respeitador, verdadeiro, compreensivo, paciente. Saber o que faz e as pessoas, que souberem o que fazem e o que é que estão a desenvolver, houver aquela necessidade de aprendizagem, essa é das grandes qualidades que as pessoas podem ter.

II – Caracterização da velhice

O que é que para si melhor define a velhice?

Explico-lhe um pouco, utilizando uma frase do Dr. Ermira “É o preço que pagamos, por viver tanto tempo.”. Portanto, velhice não sinal de senilidade, velhice é uma passagem, é uma outra etapa, que nós na vida. E que nós não sabemos se a vamos viver e portanto acho que uma das preocupações, que a gente ter de ter com a velhice e com os nossos idosos é, com os nossos (a palavra velhos, diz-se que não se deve de usar, depende da forma com se diz e no contexto que se diz), mas é uma oportunidade que eles já tiveram e que a gente não sabe, se vamos ter. E portanto, acho que devemos respeitar e que é muito bonita.

3

Na sua perspectiva, quando é que uma pessoa pode ser considerada idosa?

Se formos para os conceitos normais, eu acho que 65 anos é curto, é muito puxando. Por isso eles também falam do idoso jovem. Há tantos idosos, com 30 anos portanto...

Quais as principais mudanças que acontecem quando se fica velho?

Das principais tem haver um bocado com os sentidos. Diminuição na audição, dificuldades na visão, dificuldades no paladar. Essas são de uma forma geral, que acabam por dificulta-los um bocadinho mais na vida. Cabelos brancos, rugas, tantas coisas. Quando eu falei de maturidade, também o envelhecimento se manifesta no lado lunático, (deixem me passar a expressão) ficam um bocadinho na deles. As dores físicas, articulares as depressões, são tantas as coisas que vão acontecendo.

Para si, que benefícios ou vantagens traz a velhice?

Ao contrario de que eu disse à bocado a questão família, é uma das coisas que a velhice trás e os mais novos têm dificuldade a perceber. É o sentido família, eu acho que o sentido família para o idoso é muito importante, é muito marcante, e que nós não ligamos muito. E outras das coisas que a velhice nos trás e outra coisa muito gira é a

sensibilidade. São chatos, rasinsas, eles ficam tão sensíveis, emotivos, emocionam-se com muita facilidade. Às vezes um gesto tão simples, que é um beijinho, ir visita-los, eles ficam todos felizes, todos contentes. “Afinal alguém se lembra de mim”, portanto o idoso fica com as emoções todas a vibrar. Um pouco mais a flor da pele, tanto pode ser pelo lado positivo, pelo lado negativo, mas ficam muito mais, vibram mais, até nós sentido. A velhice é uma coisa querida.

E que problemas ou inconvenientes traz?

Dependência, as dificuldades, o isolamento. E por isso, quando eles têm a questão Família, que para eles é tão importante e depois eles ficam institucionalizados (eu sou contra as instituições). A família tem aquele ritmo de vida e tal, esquece que eles precisam, que eles estão o dia inteiro a pensar neles, eles passam o tempo inteiro a pensar no filho. Portanto o lado negativo da coisa, é mesmo o corre-corre do adulto, daquele que trabalha e acho que é o que eles sentem um bocado com dificuldades. Uma das coisas mais difíceis, que nós temos em termos de velhice é a dor crónica. A dor crónica é muito complicada.

Acha que os idosos constituem um problema para a sociedade? Porquê?

Neste momento constituem. Não estou a dizer que é pelo lado positivo ou negativo. Eu acho que única e simplesmente, se houve a necessidade de criar pessoas para cuidar de idosos. Então, tem de se criar instituições e apoios, que esses idosos fiquem devidamente inseridos e integrados. E acho que nunca deve ser um problema para a sociedade, eu enquanto adulta também sou, uma criança também é um problema para a sociedade. Se pegarmos nisso o deficiente ainda é mais problema para a sociedade. Os países não estão devidamente preparados e estruturados, hoje estamos muito melhores que à uns tempos atrás. Agora a evolução não consegui acompanhar.

Na sua perspectiva, a velhice é vista como algo positivo ou negativo? Porquê?

Negativa. Porque muitas pessoas consideram que eles são um peso. Um peso para a família e um peso para a sociedade. Porque tem de ser encaixados...

Para si, as pessoas idosas têm necessidades específicas? Quais?

Têm. Tem necessidades específicas na doença crónica e no apoio emocional. Penso até que não se perdia nada, se houve um apoio de psicólogo. Criarem sessões assim porreiras e especiais, para ajudar a que levassem as coisas com mais facilidade. Neste momento temos a questão do facto da animação, temos aqui animadora. Nós aqui notamos francamente a importância que animação teve na vida deles. Criou-se este apoio de ocupação dos tempos livres deles melhorou aqui. Pois era “um vê se te avias” a virem à consulta, porque? Estão todos muito doentes... eles até não estão, mas têm tempo de pensar e para além de ter tempo para pensar, querem aproveitar aquele bocadinho que era deles. Eles precisam de apoios especiais, precisam de apoios em termos de materiais, maquinas e equipamentos. Precisam de apoios até, inclusivamente até a nível de financiamento em alguns utentes, que não têm possibilidade de pagar a medicação, que é medicação cara e é precisa.

De que forma podem os idosos contribuir para a sociedade?

Contando com as suas experiencias, em estar a criar netos.

Como podem participar na sociedade?

Activos sem lucro...? Podemos pensar, que é instituições com idosos e crianças à mistura. Em que aquele idoso é responsável por aquele menino, que come ao seu lado. As diferenças de gerações “Destes” para os pequenitos, funciona lindamente. Há uma responsabilidade e depois é o “Encher do peito deles, que afinal ainda sou capaz.”. De excursões, criarem ranchos, eles podem perfeitamente e há imensas que eles podem ter um papel muito importante e muito valido. E depois de voluntariado, claro que não o voluntariado que nós estamos a falar, é um voluntariado de um idoso, até um idoso de 90 anos dependendo da sua capacidade, pode ser um voluntario. Os grupos mais difíceis, os tais grupos que são um problema: o deficiente... Pegar-se num idoso com 90 anos, com “Pica”, com garra como temos ai alguns e ir visita-los. Dar dois dedos de conversa a essas pessoas, dá muita força aquele que está com problemas.

O que poderia ser feito para melhorar a qualidade de vida dos idosos?

Os nossos da idosos da aldeia, estavam habituados a tomar conta do pai quando era velhote e da mãe e não sei que, viviam na casa deles. Portanto eles acabam por ter, algumas dificuldades. Ora o que é que eu acho, a forma como se podia resolver isto... eu tenho um ideal muito engraçado que é: os nossos idosos nunca deviam sair dos seus locais, sempre inseridos no seu ambiente. O sistema é que devia estar preparado, para dar apoio a esse idoso, na sua própria casa, no seu próprio domicílio, consoante a sua necessidade. Eu sou apologista, de equipas que prestam cuidados em casa. Claro que requer mais gente, em quanto está uma tomar conta de 10, é uma para um, no fundo. Não sou muito a favor, de casas muito grandes. Criar do género espaço familiar, para que eles não se sentissem tão peso para a sociedade, tão mal. Acho que até precisam de apoios a nível económico e a questão dos materiais, mas acho que estamos a avançar.

O que entende por dependência?

A dependência pode ser muito basta, mas também pode ser muito específica. Essa dependência pode ser total ou parcial. Ele pode precisar de uma ajuda, apenas para colocado na cadeira de rodas, mas depois vai comer sozinho. No entanto não consegue ir buscar o comer a nenhum sítio, isto é uma dependência parcial. Uma dependência total é aquele, que precisa de mim para todas as tarefas. Mas também há muitas vezes o dependente emocional, precisa que eu vá, precisa de me ouvir, precisa de saber quando eu venho. É aquele que requer uma ajuda de alguma coisa.

III – Caracterização dos utentes

Na sua perspectiva, como descreve os utentes deste lar? Caracterize-os.

Lindos. São muito engraçados, quando confiam, confiam. Não os podemos decepcionar. Porque eles são caracterizados, por muitos períodos de esquecimentos, eles têm as memórias recentes vão, as antigas é que ficam. Mas há uma coisa, que se eu os magoar ficou. Portanto, acho que eles são assim, no fundo são genuínos, alguns são malandros mauzinhos, mas a gente aprende a viver com isso.

Quais as principais qualidades dos utentes?

Honestos, verdadeiros quer seja para o lado negativo, quer seja para o lado positivo. Quando gostam, gostam. Interessados muitas vezes, sensíveis muito sensíveis, atentos e as vezes preocupados, conosco mesmo. E tenho aí uns poucos que são um espectáculo.

Na sua opinião, quais as principais necessidades dos utentes do lar?

Eu acho que neste momento, o que os nossos idosos mais precisam em 1º lugar é vontade própria. E depois possivelmente (todos nós nos cansamos um bocado de rotina), eu acho que eles precisavam de uma mudança de coisas. Por exemplo, durante algum tempo fazia-se a ida à praia, este ano já não vai haver ida à praia. Depois perdem a vontade é... eles não gostam muito da mudança, mas se for uma mudança aliciante, proposta e auto-escolhida por eles próprios.

Que actividades realizam os idosos no lar?

Fazem imensas coisas. Fazem dança, cantar, participam nas missas, fazem jogos, leitura, jogos de cartas, as adivinhas, vão saindo.

Que actividades realizam os idosos fora do lar?

Vão saindo, fazem partilhas de lanches. Foram a Fátima, foram à praia.

Como define a sua relação com os utentes do lar?

Dadiva. Faz-me um bocado de confusão de ir trabalhar para o hospital. Hoje estou na “descontra”, estavam à minha espera. Eu gosto muito, às vezes fico um bocadinho triste, dou mimo, dou carinho, uma galhofa, uma dança e depois há sempre um malandro no meu disto tudo. Portanto às vezes, fico bocadinho entristecida. A minha relação aqui é boa, não é de enfermeira, acho eu. Uma relação próxima.

Quais são as os problemas e dificuldades dos utentes do lar?

As questões económicas. Compram genéricos por serem mais baratos, porque têm dos os pagar. As outras dificuldades, têm a ver com as limitações físicas que eles vão tendo das sequelas e das doenças crónicas. Dificuldades de expressão, temos aí dois casos bastante mauzitos, pessoas novas em macas enormes, por causa de ABCs que estão quase apáticos. E é uma dificuldade que sentimos todos, porque é muito difícil comunicar com ela. Nós comunicamos, porque ela ouve-nos, nós percebe-la a ela é que é difícil. Outra dificuldade é os doentes de Alzheimer. No fundo as dificuldades aqui são em termos das limitações das doenças crónicas.

IV – O papel da família

Para si, qual é o papel da família em relação aos seus idosos?

Para mim alguns são muito atentos, vão perguntando com estão as coisas, outros não muito distantes, são conflituosos. Deveriam ter confiança. Acho que eles deveriam tomar conta dos idosos. Mas é evidente que a vida não nos permite, por que se os meus pais me empurraram para a vida, queria que eu fosse alguém. Logo eu não posso abdicar das minhas coisas para tomar conta deles. Não concordo do esquema de estarem, 2 meses num filho, depois noutro. Porque as mentes são um bocadinho pecaminosas, por que um dá melhor e outro dá pior, depois à sempre aquela tendência: cada um é de sua maneira “Eu encaixo-me melhor num sítio do que no outro.”. Eu acho que as nossas famílias devem tomar conta deles, mas neste momento não temos ou aquilo que a família pode dar é carinho e atenção. Ir velos, é por isso que a questão de distanciamento complica, porque se há um idoso da Covilhã que está institucionalizado na Guarda, obviamente que não é fácil, para as pessoas tarem de despender de um bocadinho para visitarem.

De modo geral, com que frequência os familiares visitam os idosos no lar?

Alguns que é diariamente. Temos quase 100 utentes, mas temos no máximo meia dúzia que tem visitas diárias. Há ai outros que eu nem sei quem é a família, claro que eu também tenho um papel mais afastado, mas eu quase sempre na hora da visita é quando

eu vou fazer pensos. Vou sempre mais cedo e vou vendo os familiares. A frequência é muito fraca.

Os familiares podem participar nas actividades organizadas pelo lar para os idosos?

Não sei, eu acho que sim. Já andamos ai no bailarico.

Se sim, com que frequência eles participam?

Quando têm oportunidade participam.